



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ROSÂNGELA DA SILVA ARAÚJO**

**A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O PROCESSO DE  
ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)  
2020**

ROSÂNGELA DA SILVA ARAÚJO

A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O PROCESSO DE  
ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para obtenção de título de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia, no Campus de Miracema, da Universidade Federal do Tocantins, sob a orientação da Profa. Dra. Brigitte Ursula Stach-Haertel.

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

A663c Araújo, Rosângela da Silva.  
A contribuição da contação de histórias para o processo de ensino-aprendizagem na educação infantil. / Rosângela da Silva Araújo. – Miracema, TO, 2020.  
40 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –  
Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2020.  
Orientador: Dra. Brigitte Ursula Stach-Haertel.

1. Contação de história. 2. Prática. 3. Educação. 4. Imaginação. I.  
Título

**CDD 370**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

ROSÂNGELA DA SILVA ARAÚJO

A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O PROCESSO DE  
ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para obtenção de título de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia, no Campus de Miracema, da Universidade Federal do Tocantins, sob a orientação da Profa. Dra. Brigitte Ursula Stach-Haertel.

Data de Aprovação \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca examinadora:

---

Prof.(a) Dr.(a) Brigitte Ursula Stach Haertel, orientadora, UFT

---

Prof.(a) Dr.(a) Layanna Giordana Bernardo Lima, examinadora, UFT

---

Prof.(o) Dr.(o) Antônio Miranda de Oliveira, examinador, UFT

A Deus por ter me concedido esta oportunidade, e ter me dado o Dom da Vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus supremo criador universal das letras, por ter aberto essa porta e acima de tudo ter me dado forças para iniciar e concluir meu curso de Pedagogia.

A esta Universidade, ao seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior.

A minha orientadora, Brigitte Ursula que, com muita paciência e atenção dedicou do seu valioso tempo para me orientar em cada passo deste trabalho. Nossas conversas durante e para além dos grupos de estudos foram fundamentais. Obrigada por esclarecer minhas dúvidas e ser tão atenciosa!

A minha família por todo apoio prestado.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

A todos que fizeram parte desta caminhada que não foi nem um pouco fácil, agradeço a todos que contribuíram direta e indiretamente na elaboração deste trabalho.

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender a importância dos textos imagéticos na Educação Infantil para a formação de futuros leitores. Dispõe como temática a contribuição da contação de histórias para o processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil. Utilizou-se da metodologia de pesquisa bibliográfica, pesquisa qualitativa e observação de campo. O cenário contemporâneo brasileiro evidencia a existência de muitas dificuldades na educação, sobretudo quando analisados os desempenhos discentes insatisfatórios em relação a leitura e escrita. Ao buscarem compreender a gênese do problema, estudos se debruçam sobre os variados aspectos referentes às práticas de ensino e aprendizagem da leitura, destacando a importância do desenvolvimento de práticas prazerosas que envolvam o ato de ler, atribuindo grande importância desse estímulo ao processo formativo de alunos leitores. De modo geral, o que se reconhece é que as atividades de leitura, em sala de aula, são muitas vezes desestimuladoras, e que, em função da forma como são trabalhadas, terminam gerando falta de incentivo e interesse frente a esse importante recurso da linguagem. Essa relação complexa em relação à leitura começa desde as séries iniciais de escolarização e persiste por toda vida escolar e, muitas das vezes, para muito além desta. Para obtermos respostas satisfatórias a este estudo, traçamos como objetivo geral, compreender qual a importância dos textos imagéticos na Educação Infantil para a formação de futuros leitores. Dentre os principais autores usados nessa pesquisa, citamos Abramovich (1991/ 2001/ 1995), Ferronato (2006), Oliveira (2005), Souza e Bernardino (2011), Villardi (1997), entre outros, os quais nos possibilitaram um maior entendimento a respeito do tema. Após o levantamento bibliográfico, realizou-se uma observação de campo em Escola Municipal de Tempo Integral na cidade de Miranorte – TO em turmas do Pré Escolar. As histórias representam indicadores efetivos para situações desafiadoras, assim como fortalecem vínculos sociais, educativos e afetivos. Faz-se necessário, portanto que os professores utilizem essa ferramenta para o desenvolvimento da criança, despertando pequenos leitores e estimulando-os para o mundo da imaginação.

**Palavras-chave:** Contação de História. Prática Pedagógica. Imaginação. Educação.

## ABSTRACT

The present research has as a general objective to understand the importance of imagery texts in early childhood education for the formation of future readers. Its theme is the contribution of storytelling to the teaching-learning process in early childhood education. Bibliographic and qualitative research methodology was used. The contemporary Brazilian scenario shows the existence of many difficulties in education, especially when analyzing the low student performance in relation to reading and writing. In seeking to understand the genesis of the problem, studies focus on the various aspects of teaching and learning reading practices, highlighting the importance of developing pleasurable practices that involve the act of reading, assigning great importance to this stimulus in the students' training process readers. In general, what is recognized is that reading activities in the classroom are often discouraging, and that, depending on the way they are worked, end up generating a lack of stimulation and interest in relation to it. This bad relationship in relation to reading starts from the early grades and persists throughout school life and even beyond. In order to obtain satisfactory answers to this study, we outlined as a general objective, to understand the importance of imagery texts in early childhood education for the training of future readers. Among the main authors used in this research, we mention Abramovich (1991/2001/1995), Ferronato (2006), Oliveira (2005), Souza and Bernardino (2011), Villardi (1997), among others, which enabled us to better understand about the topic. After the bibliographic survey, a field observation was made at the Municipal School of Full Time in the city of Miranorte - TO in pre-school classes. Stories represent effective indicators for challenging situations, as well as strengthening social, educational and affective bonds. Therefore, it is necessary for teachers to use this tool for the child's development, awakening small readers and stimulating the world of imagination.

**Keywords:** Storytelling. Pedagogical Practice. Imagination. Education.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2 A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO ETAPA IMPORTANTE DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM BREVE HISTÓRICO.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 Uma visão histórica sobre a contação de história .....</b>	<b>14</b>
<b>3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 O professor/contador: a preparação para a contação de histórias .....</b>	<b>22</b>
<b>3.2 Como escolher uma história para o público infantil .....</b>	<b>27</b>
<b>4 OBSERVAÇÃO DE CAMPO .....</b>	<b>30</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é compreender a importância dos textos imagéticos na Educação Infantil para a formação de futuros leitores. As histórias representam indicadores efetivos para situações desafiadoras, assim como fortalecem vínculos sociais, educativos e afetivos. Portanto, se faz necessário que os professores utilizem essa ferramenta para o desenvolvimento da criança, despertando pequenos leitores e estimulando para o mundo da imaginação. Sendo assim, é muito importante que os educadores busquem utilizar a contação de história em sala de aula, criando momentos agradáveis e confortáveis para o bom desenvolvimento de todas as nossas crianças na Educação Infantil.

De acordo com Abramovich (2001, p.16) apud Rigliski (2012, p. 8) “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias e escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor e ser leitor é ter um caminho de compreensão do mundo”.

As instituições de ensino têm o papel fundamental para contribuir e estimular a contação de história na Educação Infantil. Portanto a pergunta que surge em relação ao tema definido é: Qual a importância dos textos imagéticos na educação infantil para a formação de futuros leitores? Levando em consideração a forma como as histórias são contadas pode-se depreender que o gosto pela leitura poderá surgir de diferentes maneiras, quanto maiores as influencias positivas para ler na infância, tanto maior a probabilidade de se tornar um leitor ativo no futuro.

Essa temática foi escolhida a partir de observações feitas durante várias etapas do curso de Pedagogia (estágio, observações, trabalhos); nesses momentos foi possível observar as diferentes maneiras em que professores da Educação Infantil contavam histórias a seus alunos, e a forma que estes acompanhavam o que estava sendo contado.

Assim surgiram inquietações que estabeleceram questões em relação a esse tema: “Como a forma de contar histórias afeta a formação de futuros leitores?” “Qual a importância da leitura de textos imagéticos na Educação Infantil?”.

Neste sentido, foram definidos alguns objetivos específicos e em especial o objetivo geral formulado como: Compreender qual a importância dos textos imagéticos na Educação Infantil para a formação de futuros leitores. Objetivos específicos: Investigar a relevância da linguagem imagética das crianças na

recontagem das histórias que lhes foram apresentadas; Entender a continuação que as crianças constroem para descrever a participação – características, acontecimentos, movimento – dos personagens de uma história; Examinar a importância da interpretação de um professor na “contação” de histórias na construção dos elementos centrais para o entendimento de uma história.

Para elaboração da pesquisa utilizou-se da metodologia de pesquisa bibliográfica, pesquisa qualitativa e observação de campo. Utilizamos como contribuições importantes sobre o tema os trabalhos de Abramovich (1991/ 2001/ 1995), Ferronato (2006), Oliveira (2005), Souza e Bernardino (2011), Villardi (1997), entre outros, os quais nos possibilitaram um maior entendimento a respeito do tema.

O texto está organizado em três seções.

A primeira traz um breve histórico sobre a Educação Infantil como etapa importante da Educação Básica, etapa esta que por muito tempo foi renegada e considerada não relevante no processo de desenvolvimento da criança; tampouco haviam políticas públicas específicas que assegurassem o direito às vagas e à permanência de nossas crianças em instituições de Ensino Infantil. Nesta mesma seção versaremos a respeito da visão histórica sobre a contação de história, uma das atividades mais antigas de que se tem notícia. Contar histórias e declamar versos constituem práticas da cultura humana que antecedem o desenvolvimento da escrita.

Na segunda seção discorreremos sobre a contação de história como prática educativa na Educação Infantil. Esse antigo costume popular pertencente à tradição oral, vem sendo resgatado pela educação como estratégia para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita; a formação do leitor passa pela atividade inicial do escutar e do recontar. Ainda nesta mesma seção trataremos da importância do papel do professor/contador; segundo Cardoso e Faria (s/d), contar histórias é uma arte, pois envolve vários mecanismos para prender a atenção dos seus ouvintes. Além disto, é preciso encantar. Para tanto o educador precisa estar preparado utilizando-se de técnicas apropriadas para todo tipo de ouvinte, assim como utilizar recursos, espaços e tempos para adequar as demandas.

A última seção é resultado da nossa observação de campo, realizada em uma Escola Municipal de Tempo Integral na cidade de Miranorte - TO, observação realizada entre os dias 22 de Maio a 12 de junho de 2019 em turmas do pré-escolar.

## **2 A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO ETAPA IMPORTANTE DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM BREVE HISTÓRICO**

A Educação Infantil por muito tempo foi renegada e não considerada importante no processo de desenvolvimento da criança, muito menos havia políticas públicas que assegurassem o direito de vagas e permanência nas instituições de ensino infantil. A qualidade que tanto se busca para os anos iniciais está sendo conquistada aos poucos, entretanto essa luta e reivindicações começaram algumas décadas atrás (BRISOLA; KAULFUSS, 2017).

De acordo com Brito e Farias (2016) estudos sobre a infância e a literatura infantil foram decorrentes da ascensão da família burguesa. A criança passou a ser entendida como um ser distinto do adulto, com suas próprias especificidades e necessidades. Aquele que antes participava dos eventos com os adultos e realizava tarefas impróprias para o seu porte físico passou a receber um novo olhar por parte da sociedade. Questões que levaram em conta tanto o aspecto biológico quanto o aspecto social e afetivo emergiram junto a essa concepção de infância.

No Brasil são recentes as abordagens dadas em caráter pedagógico para a Educação Infantil. De acordo com Oliveira (2005) historicamente as primeiras instituições de ensino infantil foram criadas em 1908, em Belo Horizonte, e em 1909 no Rio de Janeiro; mas foi na década de 20 e 30 que surgiram novas escolas de Educação Infantil e que tinham por finalidade cuidar dos filhos pequenos para que suas mães pudessem trabalhar, “o atendimento era de cunho assistencialista e pouco importava a formação integral do sujeito. Por isso, por muito tempo, esses espaços eram considerados como uma espécie de depósitos de crianças” (BRITO; FARIAS, 2016, p. 79). A educação era total responsabilidade da família, girando principalmente em torno da figura materna. Essa nova configuração social surgiu em decorrência “do aumento da urbanização, a participação da mulher no mercado de trabalho e as mudanças na organização e estruturas das famílias” (FERRONATTO, 2006, p. 27).

Os atendimentos se baseavam na concepção assistencialista de educação e ensino, as quais Kuhlmann Jr. (2000) apud Brisola e Kaulfuss (2017) se referem como pedagogia da submissão, uma vez que não se pretendiam diminuir as desigualdades existentes entre as camadas sociais, mas fazer com que famílias desprovidas financeiramente aceitassem a exploração social sem questionamentos.

Com a expansão da economia brasileira e gradativamente a mulher conquistando espaço no mercado de trabalho houve mobilizações sociais no final da década de 70 e 80, sendo elas organizadas por mães, movimentos de bairros, sindicatos das grandes cidades e grupos de profissionais e especialistas da educação, todos com a finalidade de lutar e reivindicar mais vagas em instituições de ensino assegurando o direito de atendimento da criança e do adolescente, se necessário à ampliação do número de vagas e até mesmo a construção de novos prédios para agregar toda a demanda de alunos (CAMPOS; FÜLLGRAF; WIGGER, 2006 apud BRISOLA; KAULFUSS, 2017).

De acordo com Brisola e Kaulfuss (2017) como resultado dessas manifestações em 1988 foi promulgada a Constituição Federal da República Federativa do Brasil, que no art. 205 salienta que a educação é direito de todos, o Estado e a família em ação conjunta com diversos setores sociais têm por obrigatoriedade promover o desenvolvimento integral do sujeito, instrumentalizando-o para o exercício da cidadania e dando a ele qualificação para inserir-se no mercado de trabalho. Segundo o art. 208, no inciso IV o “atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade” ficará sob responsabilidade do Estado”.

Oliveira (2005) afirma ainda que “apesar de ser uma medida assegurada por lei, o acesso à Educação Infantil e sua permanência ainda estava em segundo plano dentro dos projetos de políticas públicas”, entretanto, documentos importantes como o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e a Constituição Federal de 1988 reafirmaram a necessidade de incluir a Educação Infantil como parte integrante da Educação Básica. Atualmente, no Brasil, a Educação Infantil compreende o período de vida escolar em que se atendem, pedagogicamente, crianças com idade entre 0 e 5 anos e 11 meses.

Com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) permitiu-se a consolidação dos direitos das crianças adquiridos por meio da Constituição. Em 20 de dezembro de 1996 surgiu a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, baseando-se nos princípios norteadores da Constituição de 88, declarando no Título II, Seção II, Art. 29 a finalidade da Educação Infantil:

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em

seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996, p. 12).

De acordo com a LDB (1996) a partir dessa nova lei a Educação Infantil passa a ser considerada como uma das etapas da educação básica, tornando-se parte do sistema regular de ensino e sendo necessária a regulamentação e a normatização perante a legislação vigente, assumindo a criança e o seu desenvolvimento integral como foco do processo educativo contemplando família e comunidade como fatores essenciais à sua formação.

De acordo com art. 9, inciso IV, a elaboração dos currículos e conteúdos a serem desenvolvidos em cada etapa da Educação Infantil, bem como a orientação a respeito do nível de formação básica comum que o discente deverá ter adquirido durante esse processo terá como norteador os princípios, diretrizes e competências previamente estabelecidos pela União juntamente com os estados, Distrito Federal e os Municípios (LDB, 1996). Para auxiliar e guiar as práticas educativas em âmbito nacional, o Ministério da Educação e do Desporto desenvolveu o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil em 1998 (FERRONATTO, 2006).

Através desse documento a criança já não é mais vista como carente e desprovida de cultura, o Referencial Curricular Nacional a define como “um ser todo social e histórico...” (BRASIL, 1998, p. 21). Ainda nesse mesmo tópico se afirma que ela, a criança, como sujeito está incluída por meio de sua família em um grupo social, que está inserido em uma determinada cultura e vinculado ao momento histórico, fatos estes que podem ser decisivos em sua formação inicial.

Pautadas pelos referenciais curriculares as propostas pedagógicas para a Educação Infantil demandam considerar as influências do contexto sociocultural para a formação e aprendizagem das crianças, porquanto os conhecimentos assimilados ao longo de sua vida serão constituídos pelo contato e as experiências vivenciadas no ambiente (OLIVEIRA, 2005). O Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998) respeita a pluralidade e a diversidade social, auto denominando-se uma sugestão aberta, maleável e não obrigatória, podendo ser adotados na preparação dos currículos e projetos, adaptando-se à realidade e às características do contexto social.

Do mero ato de cuidar, em locais como casas que aglomeravam crianças e associações filantrópicas, que tentavam suprir a ausência da mãe inserida no mercado de trabalho, nós, professores de Educação Infantil, passamos a assumir a

função de cuidar e educar. A Educação Infantil possui hoje um reconhecimento diferenciado evidenciada que foi a importância da formação plena de nossas crianças desde os seus primeiros anos de vida; diretrizes e normas que correspondam a esta relevância vão se consolidando pouco a pouco na Educação Básica.

## **2.1 Uma visão histórica sobre a contação de história**

Apenas com a ascensão da burguesia e a respectiva reestruturação familiar, a criança começou a ser reconhecida como sujeito de direitos distinto do adulto com suas respectivas demandas diferenciadas. No século XVIII, a literatura infantil demonstrou a sua importância no âmbito escolar e a necessidade de uma nova forma de lidar com a dimensão sociocognitiva de uma criança. A escola foi um dos principais agentes para que a mudança nas práticas se efetivasse especialmente a partir da literatura (MATEUS et al, 2015).

A contação de histórias é uma das atividades mais antigas de que se tem notícia. Essa arte remonta à época do surgimento do homem há milhões de anos. Contar histórias e declamar versos constituem práticas da cultura humana que antecedem o desenvolvimento da escrita. Na cultura primitiva, saber ler, escrever e interpretar sinais da natureza era de grande importância, que mais tarde iam se tornar registros pictográficos, com os quais seriam relatadas coisas do cotidiano que poderia ser interpretado e compreendido pelos integrantes de um mesmo grupo. Histórias, sejam elas pintadas, contadas ou posteriormente escritas, são a maneira mais significativa que a humanidade encontrou para expressar suas experiências. (MATEUS et al, 2015).

Na antiguidade a contação oral de histórias era vista sob um olhar inferior aos registros pictóricos; ainda assim os povos se reuniam ao redor da fogueira e contavam suas lendas e seus contos, disseminando a sua cultura e os seus costumes; reunir-se para ouvir histórias era uma atividade dos simpórios, isto explica por que durante tanto tempo esta prática foi tão rejeitada em alguns círculos de convivência. Lendas e contos eram histórias do imaginário popular pertencentes à memória coletiva, destinadas, a ouvintes, adultos e crianças, que não sabiam ler (SOUZA; BERNARDINO, 2011).

Segundo Souza e Bernardino (2011), posteriormente o homem descobriu que a história além de entreter, causava a admiração e conquistava a aprovação dos ouvintes. O contador de histórias tornou-se o centro da atenção popular pelo prazer que suas narrativas proporcionavam. Sendo assim, por muito tempo o contar histórias foi uma atividade oral: as histórias, reais ou inventadas, eram contadas de viva voz. Na Idade Média o contador era respeitado em todos os lugares por aonde ia. Os trovadores obtinham entrada em palácios e aldeias contando histórias do gosto popular.

Os contos são temidos porque expressam e objetivam os fatos e verdades que não podem ser expressas pela razão, por isso nos estudos dos contos observa-se: “Em primeiro lugar, o fato de que eles falam sempre de relacionamentos humanos primitivos e, por isso, exprimem sentimentos muito arcaicos do psiquismo humano.” (VIEIRA, 2005, p. 10).

Desde aqueles tempos remotos e ainda hoje, a necessidade de exprimir os sentidos da vida, buscar explicações para nossas inquietações, transmitir valores de avós para netos têm sido a força que impulsiona o ato de contar, ouvir e recontar histórias.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4 apud MATEUS, 2015, p. 56).

A contação de histórias é uma atividade fundamental que transmite conhecimentos e valores, sua atuação é decisiva na formação e no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Por isso, contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e os personagens ganham vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte. O ato de contar histórias acaba por impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura de mundo na trajetória de cada pessoa (MATEUS et al, 2015).

A contação de histórias está ligada diretamente ao imaginário infantil. O uso dessa ferramenta incentiva não somente a imaginação, mas também o gosto e o hábito da leitura; a ampliação do vocabulário, da narrativa e de sua cultura; o conjunto de elementos referenciais que proporcionarão o



desenvolvimento do consciente e subconsciente infantil, a relação entre o espaço íntimo do indivíduo (mundo interno) com o mundo social (mundo externo), resultando na formação de sua personalidade, seus valores e suas crenças (MATEUS; et al, 2015, p. 56-57).

De acordo com Mateus et al (2015) a capacidade de imaginar permite que o ser humano crie uma habilidade de entendimento e compreensão de histórias fictícias, pois nossa vida apenas é entendida a partir de narrativas. As histórias nos transmitem informações e abrangem nossas emoções. É por esse motivo que algumas pessoas se sentem receosas ao trabalhar com contos entre crianças e jovens. A história tem um papel significativo na contribuição com a tolerância e o senso de justiça social, podendo criar novos rumos à imaginação...

Sendo assim, a reformulação da literatura infantil foi de extrema importância para que a sua função social e individual pudesse respeitar as especificidades e necessidades da intencionalidade que a história possui e pretende transmitir para a criança. Além, é claro, da adequação condizente com a faixa etária.

A contação de histórias é um momento mágico que envolve a todos que estão nesse momento de fantasia. Ao contar histórias, o professor estabelece com o aluno um clima de cumplicidade que os remete à época dos antigos contadores que, ao redor do fogo, contavam a uma plateia atenta às histórias, costumes e valores do seu povo. A plateia não se reúne mais em volta do fogo, mas, nas escolas, os contadores de história são os professores, elo entre o aluno e o livro. O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor. (PENNAC, 1993, p. 124 apud MATEUS; et al, 2015, p. 57).

Com o aparecimento da escrita, surgem, ao lado das histórias orais, as histórias escritas – e, com essa última, surgiram tanto a história registrada, propriamente dita, como relatos de eventos que se acredita terem de fato acontecidos, como por exemplo, a literatura que inclui relatos de eventos imaginados em seu gênero de ficção. A literatura infantil nasce dos contos populares, em função disso atribui-se à contação de histórias a origem da literatura.

A contação de histórias foi utilizada como meio de propagação das doutrinas religiosas budistas e ainda hoje a medicina hindu tem como método oferecer uma história aos doentes desorientados, essa escolha considera a problemática psíquica do paciente. No Oriente Médio encontramos o narrador profissional de contos de fadas e grandes coleções de contos de fadas indianos e turcos fazem parte da educação dos jovens príncipes. O século passado, porém, foi marcado pelo audiovisual. Aparecem o cinema, a televisão, o computador e quase no fim do século a multimídia. Assim, o contar histórias, no século XX, passou a ser não mais baseado exclusivamente na palavra, oral ou escrita (embora esta continue

extremamente importante em nossa contemporaneidade, o ato de contar é o ato de criar através das palavras), as imagens passaram a ser ingredientes indispensáveis das histórias. Agora nós não somente ouvimos e lemos histórias, mas assistimos à sua representação áudio-visual (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 237).

Inúmeras são as possibilidades que o uso da contação de histórias em sala de aula propicia. Além de as histórias divertirem, elas atingem outros objetivos, como educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência e a sensibilidade. A literatura carece de maior incentivo em nossas escolas e a contação de histórias pode ser uma das alternativas para que nossos alunos tenham uma experiência positiva com a leitura deixando de lado seu caráter de tarefa escolar rotineira que transforma a leitura e a literatura em simples instrumentos de avaliação, afastando o aluno do prazer de ler. Para formar futuros leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece. (VILLARDI, 1997, p. 2).

Dessa forma, utilizar a contação em sala de aula faz com que todos saiam ganhando, tanto o aluno, que será instigado a imaginar e criar, quanto o professor, que ministrará uma aula muito mais agradável e produtiva e alcançará o objetivo pretendido: a aprendizagem significativa. Além disso, as histórias ampliam o contato com o livro para que os alunos possam expandir seu universo cultural e imaginário e, através de variadas situações, a contação de histórias pode: intrigar, fazer pensar, trazer descobertas, provocar o riso, a perplexidade, o encantamento etc. Em outras palavras, ao se contar uma história, percorre-se um caminho absolutamente infinito de descobertas e percepção do mundo.

As histórias despertam no ouvinte a imaginação, a emoção e o fascínio pela escrita e pela leitura. Afinal, contar histórias é revelar segredos, é seduzir o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar... Pela história... Pela leitura... A contação de histórias é fonte inesgotável de prazer, conhecimento e emoção, espaço propício para que o lúdico e o prazer de ler se encontrem enquanto eixos condutores do incentivo à leitura e à formação de alunos leitores.

### **3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

De acordo com Souza e Bernardino (2011) durante muito tempo o ato de contar histórias nas escolas era tido como uma forma de entreter, distrair e relaxar as crianças, e ainda em algumas instituições continua a ser assim. Mas neste século XXI tem ressurgido a figura do Contador de Histórias, ou o Professor/Contador de Histórias, e revelada a sua importância no âmbito educacional e emocional das crianças. Esse antigo costume popular pertencente à tradição oral, vem sendo resgatado pela educação como estratégia para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita – a formação do leitor passa pela atividade inicial do escutar e do recontar.

A contação de histórias não é uma prática comum das séries iniciais. As instituições educacionais recusam um trabalho diferenciado com a leitura, porque a contação de histórias se distancia dos métodos das avaliações. Não se pode medir notas ou conceitos quando contamos ou ouvimos um conto e a escola tem dificuldades em trabalhar com aquilo que não pode ser avaliado. Tal dificuldade é vista até mesmo com a literatura infantil, que perde a sua beleza quando o texto se transforma em uma ferramenta avaliativa, fazendo com que o prazer da leitura se perca em uma avaliação (SOUZA; BERNARDINO, 2011).

Segundo Souza e Bernardino (2011) o fracasso escolar na Educação Infantil se refere ao desenvolvimento pelo gosto da leitura e formação de leitores, que recai sobre a forma como o professor está trabalhando a relação do aluno com os livros. A literatura não tem recebido o incentivo adequado em nossas práticas escolares e a contação de histórias é uma alternativa para que os alunos tenham uma experiência positiva com a leitura, superando seu caráter de tarefa rotineira escolar que transforma a leitura e a literatura em simples instrumentos para as provas, distanciando o aluno do prazer de ler. “Porque para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece” (VILLARDI, 1997, p. 2).

Para Souza e Bernardino (2011) a contação de histórias é um valioso auxiliar na prática pedagógica de professores da Educação Infantil bem como dos anos iniciais do Ensino Fundamental. As narrativas estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade; facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, promovem o senso crítico, as

brincadeiras de faz-de-conta, valores e conceitos, colaboram na formação reflexiva da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo, exploram a cultura e a diversidade.

Para Souza e Bernardino (2011) a contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular,

as experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua (BNCC, 2017).

A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolve a responsabilidade e a autoexpressão, incentivando a criança que, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, incontáveis formas de aprendizagem ocorrem.

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BNCC, 2017).

A escuta de histórias, pela criança, favorece a narrativa e processos de alfabetização e letramento: habilidades metacognitivas, consciência metalinguística e desenvolvimento de comportamentos alfabetizadores e meta-alfabetizadores, competências referentes ao saber explicar, descrever, atribuir nomes e utilizar verbos da competência cognitiva: penso, acho, imagino, etc.; habilidades do

reconhecimento de letras, relação entre fonema e grafema, construção textual, conhecimentos sintáticos, semânticos e ampliação do léxico (SOUZA e BERNARDINO, 2011). “A leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários” (RCNEI, VOL. 1, p.145).

Na composição das histórias encontramos a gramática do conto: as personagens – protagonista e antagonista –, apresentação inicial do conto, sucessão de eventos/ações complexas e o final; esta regularidade facilita a compreensão textual e a criação de histórias pela própria criança, assim contribuindo para as habilidades linguísticas em nível oral e escrito. O conhecimento adquirido pelas crianças em idade “pré-escolar” de competências da língua formal e das narrativas é fundamental nas fases de alfabetização e letramento. A iniciação literária desde a infância com livros de imagens com ou sem textos e o trabalho com contos podem ser uma grande alavanca na aquisição da leitura para além da simples decodificação do código linguístico (SOUZA; BERNARDINO, 2011). Conforme afirma Bamberger (1995) “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem”.

De acordo com Souza e Bernardino (2011) a didática do conto de histórias é motivadora e enriquecedora nas series iniciais, mas com o cuidado de que a estrutura da narração deve ser previsível para a criança, de fácil linguagem, com imagens e possibilidades de explorá-las posteriormente de forma lúdica, As narrativas possibilitarão às crianças um melhor desenvolvimento da capacidade de produção e compreensão textual. O docente incluindo em seu planejamento curricular períodos dedicados à leitura estará formando crianças que gostem de ler e escrever, uma geração de leitores e escritores que apreciam na literatura infantil um meio de interação e diversão.

A leitura em sala de aula poderá ser trabalhada de várias formas interdisciplinarmente.

é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo historia, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1995, p.17).

Citando Malba Tahan (1966) “as narrativas de casos e contos podem ser aproveitadas em todas as atividades. Através dessas narrativas podem ser ministradas aulas de Linguagem, Matemática, Educação Física, com o máximo de interesse e maior eficiência”. (p.142). “É o exemplo do escritor Monteiro Lobato, que mostrou que até a aritmética, com seus cálculos e suas frações, pode ser aprendida sob a forma de história...” (TAHAN, 1966, p.26). Podemos verificar que essas assimilações possíveis, permeadas de encanto e ludicidade, tornam o ato de aprender mais interativo, instigante e estimulante porque falam ao interior de cada criança, propiciando um fazer educativo pleno de significação e envolvimento (SOUZA; BERNARDINO, 2011).

Ainda de acordo com Souza e Bernardino (2011) atualmente as frentes tecnológicas, os estímulos socioculturais, visuais, auditivos, sensorio motores e táteis fazem com que as crianças ampliem sua visão de mundo e a sua capacidade neuronal, a sua inteligência. As crianças do nosso século XXI, sejam estas moradoras das periferias de grandes cidades ou de condomínios fechados de classe media alta, se encontram envolvidas num imaginário construído pelas tecnologias, produções culturais que chegam a elas mediados por vários meios de comunicação, inclusive computador, Internet, CD-ROM, DVD-ROM. São sugeridas às crianças histórias com enredos variados. Narrativas completas com sons e imagens, que se tornaram um desafio para a escola, uma vez que representam um grande atrativo e influenciam olhares e condutas das crianças. Logo, indispensável se faz que a história para a criança da educação infantil e fundamental de hoje seja contada de forma interativa, dinâmica como o mundo em que ela vive.

A relação da escuta da leitura pela criança é afetiva. Este sentimento se manifesta pela identificação com a história, com os temas tratados e com os personagens; tal identificação consiste em afirmar a sua personalidade graças ao livro, formulando parâmetros de julgamentos éticos com relação aos personagens e de experiências e questionamentos pessoais. Sendo assim a escuta de histórias tem um caráter formador e ético. Na interação com as histórias a criança desperta emoções como se as vivenciasse, estes sentimentos permitem que pela imaginação ela exercite a capacidade de resolução de problemas que enfrenta no seu dia a dia, além desta interação estimular o desenho, a musicalidade, o pensar, o teatro, o brincar, o manuseio de livros, bem como o escrever e a vontade de ouvir novamente (SOUZA; BERNARDINO, 2011).

Ler, ouvir/contar histórias desperta o pensamento narrativo. Uma forma de pensar coexistente com o pensamento lógico científico, vinculado à subjetividade e ao emocional, surge em situações onde o sujeito busca compreender através de simbolismos a realidade. Sendo assim, o conto de histórias favorece o psíquico e o emocional da criança, que enquanto cresce busca sua identidade baseada nos modelos com os quais interage e convive. A escola tem grande responsabilidade nesse processo. Cabe ao sistema educativo ajudar quem cresce em determinada cultura a se identificar com seus princípios e valores; a partir das narrativas é possível construir uma identidade e reconhecer-se dentro da própria cultura. A escola cumpre importante papel de promover e divulgar contos orais e escritos que demonstrem a realidade pluricultural brasileira resgatando histórias da tradição afro-indígena, favorecendo deste modo a construção de uma identidade infantil. Há algumas gerações este caráter formativo sócio cultural tem sido desprezado, se não renegado, legitimando predominantemente apenas os contos de origem europeia (SOUZA; BERNARDINO, 2011).

### **3.1 O professor/contador: a preparação para a contação de histórias**

Contar histórias é uma arte, pois envolve vários mecanismos para prender a atenção dos ouvintes. No entanto não é somente isso, é preciso encantar. Para tanto o educador precisará estar preparado utilizando-se de técnicas apropriadas para todo tipo de ouvinte, além de estar apto a utilizar recursos, espaços e tempos para atender melhor às suas necessidades (CARDOSO; FARIA, s/d).

Contar e encantar não são tarefas simples, exigem habilidade, técnica e disposição para oferecer o melhor do contador de histórias; algumas pessoas possuem o dom, um talento nato, para as quais o esforço em fascinar e prender a atenção do público é menor do que para aqueles que necessitam de capacitação para alcançar o mesmo patamar. Entretanto, são requisitos fundamentais para o desempenho desta atividade a familiaridade com as histórias e a incorporação dos matizes das mesmas (FARIA; et al, 2017).

Para a escritora de literatura infantil e juvenil, pedagoga, atriz e contadora de histórias profissional Fanny Abramovich, os cuidados e preparos do professor/contador de histórias se referem a: (1). Saber escolher o que vai contar, levando em consideração o público e o objetivo; (2). Conhecer detalhadamente a

história que contará; (3). Preparar o início e fim no momento da contação e narrá-la no ritmo e tempo que cada narrativa exige; (4). evitar descrições imensas e com muitos detalhes, favorecendo o imaginário da criança; (5). Mostrar à criança que o que ouviu está ilustrado no livro, trazendo-a para o contato com o objeto do livro e, por consequência, com o ato de ler; (6). e por último, saber usar as possibilidades da voz variando a intensidade, a velocidade, criando ruídos e dando pausas para propiciar o espaço imaginativo.

Segundo a escritora, mediadora em projetos de oralidade, leitura e literatura infanto-juvenil e narradora oral de histórias, Cléo Busatto, o professor/contador deve descobrir as razões pelas quais contar histórias, para quem contá-las e em que contexto. Salaria a importância de o professor/contador estar sensibilizado com a narração; é preciso que haja identificação entre o narrador e o conto. Com a história escolhida, o passo seguinte é estudá-la, buscando suas intenções e apreendendo seu simbolismo.

Para Abramovich (1997), a contação não pode ser feita de qualquer jeito, sem nenhum preparo. Pelo contrário, corre o risco de no meio desta, empacar ao pronunciar alguma palavra, fazer pausas em momentos errados ou mesmo perder o seu rumo e, certamente, a criança perceberá. Deve haver um clima de mistério para envolver e não subestimar o ouvinte, deixando pairar os questionamentos para uma possível discussão após o momento da contação. O professor pode, a partir, da história, criar novas propostas de atividades como desenho, teatro, entre outras. Por outro lado é importante que o educador, ao se dedicar a contar ou ler um texto, evite didatizar excessivamente as histórias sem a participação direta das crianças. O encantamento do contador de histórias em narrar desperta nos ouvintes o prazer da história.

Segundo Farias; et al (2017), podemos salientar algumas orientações básicas durante a representação do professor contador de histórias: entonação de voz cativante; movimento corporal; materiais de apoio; uso de onomatopeias; provocação de ruídos em momento de suspense; olhar comunicativo; expressões faciais (medo, alegria, indignação, tristeza, raiva, malícia); imitação; repetição de frases marcantes; criatividade quando o momento exigir improvisação; espaço para participação da plateia (pequenas interferências); cantigas pequenas condizentes com a história e interposição entre o som e silêncio, evitando vícios no vocabulário (cacoetes). Tudo feito gradativa e pausadamente intercalando efeitos, observando



quais destes itens a história comporta lembrando que, não necessariamente, será necessário aplicar todos os recursos em uma mesma história de forma que haja sincronia, sem exageros.

Na educação infantil há diversos tipos de histórias; importante ter linguagem clara e objetiva, direcionada a essa faixa etária das crianças, segundo Coelho (1999). Nos contos de fadas, o “Era uma vez...”, as crianças entram em contato com a magia e o encanto e conhecem personagens fantásticos. Nas fábulas, conhecem um mundo de fantasia e da moral subentendida na narrativa. Há contos com repetições, sons e vozes de animais.

Para Coelho (1999), os interesses de cada faixa etária determinam a escolha dos tipos de histórias. A fase pré-mágica vai até os três anos de idade; nesta fase o enredo deve ser simples, com ritmo e repetições contendo situações próximas à vida afetiva, social e familiar da criança. Dos três aos seis anos, na fase mágica, deve prevalecer o encanto e as crianças solicitam a repetição constante da mesma história. “Para que a história seja realmente relevante e envolvente para as crianças, o educador precisa considerar alguns aspectos como não ter vícios de vocabulário, ser criativo, saber utilizar expressão corporal e facial, a entonação de voz e a criatividade e imaginação” (CARDOSO; FARIA, s/d).

O livro é um componente imprescindível no momento da contação, devendo ficar à altura dos olhos das crianças. Edmir Perrotti, citado por Maricato (2006, p.18), afirma, “primeiro a criança escuta a história lida pelo adulto, depois conhece o livro como um objeto tátil, que ela toca, vê e tenta compreender as imagens que enxerga”.

Além destes, outros recursos poderão ser empregados tais como: fantoches, teatrinhos, máscaras, desenhos, dobraduras, instrumentos musicais, materiais reciclados entre outros. Não é necessário saber tocar nenhum instrumento, conforme Garcia et.al. (2003). Somente o toque ou batuque pode remeter a algum som da natureza ou de um animal. Entretanto, é preciso saber fazê-lo com cuidado, sem exageros, sendo inseridos de forma gradativa durante a narração. Conforme afirma Faria (2017),

Quando o alvo são as crianças da educação infantil, o professor pode contar com uma gama de recursos lúdico-pedagógicos em sua atuação como contador de história, como por exemplo: caracterizações (fantasias, acessórios, pinturas pelo corpo, trejeitos dos personagens), fantoches, dedoche, palítoche, flanelógrafo, avental (roupão onde as gravuras são

fixadas com velcro), livros em papel, imagens, fotografias, livros-brinquedos (pop-up ou 3D) e instrumentos musicais (FARIA, 2017, p. 38).

Para o momento da contação de histórias, o ambiente onde o evento será realizado, deve ser analisado com cautela. Se ocorrer em local aberto, deve haver sombra e não ter ruídos; em fechados, ser amplo, arejado, mas o importante é o conforto, a tranquilidade e o silêncio para a concentração de todos. Assim como no início é interessante fazer uma dinâmica ou um aquecimento, ao final da narrativa, propor atividades que deem continuidade, enriquece o evento com atividades tais como desenhos, rodas de conversas, cantigas, dramatizações, entre outras (CARDODO; FARIA, s/d).

Para que a história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 2009, p.11 apud CARDODO; FARIA, s/d, p.8).

Na hora de iniciar a história é imprescindível que os ouvintes estejam bem acomodados e o bordão que a antecede precisa ser bem escolhido como o “Era uma vez...”, “Há muito tempo atrás...”, entre outras possibilidades. O encerramento, por sua vez, é tão importante quanto a abertura, pois esse é o momento de retirar-se do mundo imaginário e voltar à vida real (CARDODO; FARIA, s/d).

A postura corporal do professor/contador ao contar histórias em pé ou sentado são escolhas que advêm das características inerentes ao conto e do próprio jeito de ser e agir em cena do educador. O importante é ter uma postura corporal ereta e equilibrada, com musculatura relaxada, permitindo flexibilidade e expressividade corporal, possibilitando uma linguagem do corpo harmoniosa e, por conseguinte, possibilidades de sintonia com a história a ser narrada. Um corpo flexível favorece a utilização de gestos com leveza e naturalidade.

Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. As crianças conhecem e reconhecem as sensações e

funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física (BRASIL, 2017).

Cléo Busatto, porém aponta para a facilidade que o contar em pé permite, no sentido de permitir a criação de imagens corporais; além disso, chama a atenção para a ligação entre o professor/contador e as crianças através do contato visual, olho no olho. No contato olho a olho, a manutenção do interesse no que se está dizendo acontece e, ao mesmo tempo, envolve o ouvinte e o valoriza, fazendo deste, parte da narração. O olhar projetado para a criança, além de acontecer enquanto se fala prendendo sua atenção, também pode preencher um silêncio, levando a criança a ter expectativa e interesse para o que será dito logo em seguida, deixando espaço para a imaginação agir (SOUZA; BERNARDINO, 2011).

De acordo com Souza e Bernardino (2011) ler a história antes de contá-la às crianças é um cuidado do contador para averiguar do que trata; se a narrativa é engraçada, triste, séria e qual a entonação mais adequada a utilizar. Segundo Busatto (2003) narrar não é um ato simples e banal, é uma arte que requer preparo do educador. A contação de histórias tem como protagonista principal a palavra – a partir de qual ouvir leva a imaginar e narrar tem a potencialidade de encantar. Segundo Abramovich (1991) contar histórias é o uso simples e harmônico da voz. A expressão, a entonação bem usada repassando sentimentos e a clareza no dizer são técnicas fundamentais ao professor/contador.

Ainda de acordo com tais autores, importante também é uma pré-leitura pelo professor, indicando às crianças o que esperar da história, ou que prestem a atenção em passagem específica. Em momento de pós-leitura, encerrada a contação, é interessante perguntar ao grupo o que acharam dos personagens, pedir para que descrevam o lugar onde a história acontece, se gostaram do final. Perguntas mais específicas desenvolvem a atenção a detalhes e a capacidade de relembra-los. Questões abertas sobre a história são boas para a discussão em sala e ajudam a criança a aprender a relacionar suas experiências particulares às de outras pessoas.

Relevante se faz que o professor tenha uma formação literária básica capaz de analisar os livros infantis selecionando o que pode interessar as crianças e

decidindo sobre elementos que sejam úteis para a ampliação do seu conhecimento, como recomenda o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil Vol.3:

(...) a intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida. (RCN, 1999, p.143).

Um dos significativos papéis do professor segundo Ana Teberosky e Teresa Colomer, (2003), é o professor como modelo de leitor,

pois quando o professor realiza a leitura em voz alta, a criança aprende a participar como audiência, porque escutar ler não é algo passivo. O professor não precisa transformar a leitura monológica do texto em um diálogo cotidiano, mas sim deve tentar fazer com que as crianças “entrem” no mundo do texto, que participem da leitura de muitas maneiras: olhando as imagens enquanto o professor lê o texto; aprendendo a reproduzir as respostas verbais; imitando o escutado anteriormente e memorizando histórias; incorporando traços linguísticos dos discursos escritos (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 55 apud QUEIROS, 2019, p. 33)

O horário adequado é aquele onde as crianças estão relaxadas, para pensar sobre a história que viram ou escutaram mostrar o livro à criança e deixar que esta o manuseie é importante para a interação com o objeto; antes do recreio ou almoço ou ao final do dia são os melhores momentos para a contação. Quando ao espaço físico, sugere-se ambientes fechados, que evitem a dispersão, como a sala de aula. Bom é criar um ambiente de aconchego e proximidade mantendo as crianças próximas em círculo.

Com certeza, é o estímulo à leitura que tornará a criança uma leitora para o resto da vida. Ter muitos livros não é obrigatoriedade para que a criança se vislumbre com eles, mas há necessidade de atraí-las para o mundo da leitura, contagiando-a pela paixão da arte de contar histórias.

### **3.2 Como escolher uma história para o público infantil**

A educação Infantil, de acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, é uma etapa muito importante para as crianças, pois com ela se ampliam os conhecimentos, habilidades e aptidões necessárias para a faixa etária que corresponde de 0 a 5 anos; dessa forma, os eixos temáticos que servem de

base e orientação para o planejamento diário devem abranger as diversas áreas do conhecimento, sendo elas, linguagem, natureza, sociedade, artes visuais, psicomotricidade, música, desenvolvimento sensorial/emocional e matemática. Todos estes campos são igualmente importantes e de certa forma todos se inter cruzam com a prática riquíssima da contação de história (FARIA; et al 2017).

Falar de contação de história voltada para o público infantil é um tema instigante, onde o leitor e o ouvinte se transportam por todo um mundo imaginário de sonhos e encantos, dando espaço também à criatividade, espontaneidade, interação e harmonia. Subestimar a imaginação das crianças, apresentando apenas os clássicos com os finais felizes, é no mínimo arbitrário, mesmo que reconhecendo a importância desta literatura para o desenvolvimento infantil. Desde cedo é necessário apresentar aos pequenos diferentes tipos de histórias aguçando sua curiosidade, mostrando-lhes o mundo através das imagens, expressões, sons e aventuras, partindo de uma escolha de história intencional que considere as peculiaridades de cada agrupamento, isto é, sexo, idade, ambiente familiar, nível intelectual e situação socioeconômica. (FARIA; et al 2017).

Matos e Sorsy (2005) corroboram com essa ideia, dizendo que:

Para crianças muito pequenas, de 2 a 3 anos, os contos curtos são os ideais, uma vez que a capacidade de concentração ainda não é muito desenvolvida. Além disso, elas se sentem atraídas pelas coisas concretas que descobrem e conhecem no dia-a-dia: pequenas histórias sobre os animaizinhos de estimação, os brinquedos que as rodeiam, os animais da floresta e as coisas de circo, por exemplo. Para crianças da pré-escola, contos acumulativos que estimulem a memorização, conto de animais e também contos simples que ensinem a contar (reconto) são bem interessantes. O apelo à dramatização – que não é o mesmo que teatralização –, à mímica, às onomatopeias e às repetições ritmadas é um bom recurso para contar aos pequenos (MATOS; SORSY, 2005, p. 40-41 apud FARIA; et al, 2017 p. 46).

Nesta mesma vertente, Kaercher (2001) apud Faria et al (2017) também apresenta suas sugestões de como escolher as histórias ideais para cada tipo de faixa etária, isto é, para o berçário, maternal, jardim e pré-escola. Primeiramente, deve-se considerar a fase de desenvolvimento em que o grupo se encontra. Em seguida, analisar os conhecimentos prévios que as crianças trazem consigo. E, por último, selecionar as histórias que por algum motivo cativaram, envolveram ou despertaram algum sentimento no próprio educador, visto que é condição-base o mediador gostar e se interessar pelo que está sendo proposto. Importante fazer com

que a criança também se contagie e se torne parte ativa do processo em questão utilizando-se da entonação de voz, do olhar e de recursos corporais e extra corporais diversos para atingir significativamente o público alvo.

A contação de história no meio educacional, conforme vimos anteriormente, passou por grandes mudanças até alcançar o patamar atual, entretanto ainda há muitos desafios a serem enfrentados tais como as questões estruturais, culturais e ideológicas, a falta de acervos em algumas instituições públicas e a qualificação de toda equipe pedagógica com cursos de formação continuada específicos para as áreas da linguagem oral e literatura infantil, salientando que somente de teorias não se constrói uma prática suficientemente sólida. Deverá haver em paralelo a práxis em consonância com o desenvolvimento e a aprendizagem, locus a partir do qual educador e educandos-criança falem a mesma “língua”, troquem experiências, vivenciem momentos de descobertas, superações e dinamismo.

## 6 OBSERVAÇÃO DE CAMPO

Nossa observação de campo foi realizada na Escola Municipal de Tempo Integral Antônio Uchôa Viana, localizada à Rua 34 esquina, conjunto A, Vila São José, Miranorte/TO. A observação foi realizada nas turmas de Pré “A” formada por 16 alunos e 01 professora regente e Pré “B” formada por 12 alunos e 02 professoras, uma regente e outra auxiliar frequentados por crianças na faixa etária entre 4 a 5 anos e 11 meses. Nossa observação foi realizada entre os dias 22 de maio a 12 de junho de 2019, totalizando seis encontros.

A prática de contar uma história na Educação Infantil é uma tarefa de incentivo à imaginação. Ao preparar uma história a ser contada mesclam-se a experiência do narrador e as peculiaridades de cada personagem ampliando nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Para Silva (1986) é de grande importância a prática do contar histórias na vida de uma criança, pois tal prática tem o poder de enriquecer o imaginário, a criatividade, a oralidade, auxiliando no desenvolvimento da linguagem. Contribui para o enriquecimento do vocabulário, incentiva a prática da leitura, transmite conhecimentos e valores. É prática central à construção do Ensino/Aprendizagem.

Durante os seis dias de observação apenas um dia foi destinado a contação de história. A partir de nossa hipótese inicial e dos estudos e leituras que nos permitiram a presente discussão reiteramos a importância de o professor fazer uso, em suas práticas pedagógicas, da contação de histórias com regularidade considerando ser um recurso didático insubstituível em suas possibilidades enquanto narrativa envolvente que enriquece a experiência escolar de nossas crianças.

A professora regente utilizou de uma contação simples a partir de uma história escolhida pelas próprias crianças. A regente demonstrou aplicar o pressuposto de que uma criança tem condições de gerir seus próprios interesses, vontades, desejos e anseios realizando um trabalho mais concreto e com melhores resultados. Nossos estudos demonstram que podemos contar quaisquer histórias às crianças, desde que respeitemos os limites próprios da linguagem, seu estágio de desenvolvimento entre outros fatores.

Zilberman (2003) trata da importância da leitura no contexto infantil demonstrando que o contato inicial da criança com as narrativas está relacionado ao ouvir, ao acompanhar a narrativa, o enredo, os personagens... De acordo com esse princípio aprendi que, ao ouvir uma história contada por meio de suas entonações, pausas corretas e a ajuda de efeitos sonoros, conseguimos fazer com que as crianças se encantem, imaginem, fantasiem, viajem por esse fantástico universo chamado imaginação, como se estivessem mergulhadas no oceano fantasia/realidade acolhendo sem preconceitos todas as possibilidades de ser e de estar no mundo. Quanto mais histórias contarmos às nossas crianças, em qualquer fase da infância, tanto mais se familiarizam com a diversidade.

Por intermédio desse “despertar mágico” a partir da fantasia, se desperta o interesse e a participação em atividades de leitura, um dos mais poderosos recursos para alavancarmos as potencialidades do processo de ensino e aprendizagem das nossas crianças. Desenvolvem a criticidade, a atenção, a interpretação daquilo que está sendo contado, instaurando uma dialogicidade entre imagem, palavra e raciocínio, a partir da qual é possível identificar que a criança participa ativamente da hora do conto estimulando sua curiosidade e o interesse pela leitura (MEDEIROS, BRASIL, 2013).

Em nossa atividade de observação as crianças presentes escolheram a história de “Chapeuzinho Vermelho”. A professora regente iniciou com o tradicional “Era uma vez...” o que de acordo com Cardoso e Faria (s/d) é imprescindível como recurso de iniciação ao momento mágico. O encerramento, por sua vez, é tão importante quanto o ritual inicial já que marca o momento de se desligar do mundo imaginário e voltar à vida real (CARDOSO; FARIA, s/d).

Observamos que as crianças permaneceram totalmente atentas a cada palavra que narrava a contação; uma única criança não participou por ser muito pequenina e estar pela primeira vez no ambiente escolar. Percebemos que a regente deixou as crianças bem à vontade para que pudessem captar as ansiedades, aspirações e principalmente as emoções e reações das personagens, estimulando sua criatividade e atenuando tensões da rotina escolar.

No decorrer da contação as crianças se desinibiram um pouco, e em cada pausa suas intervenções se intensificavam na tentativa de assimilar cada novo acontecimento narrado pelo enredo da história. Por outro lado, o silêncio nem sempre foi companhia constante durante a contação. Observamos nas conversas



que iam se desenvolvendo em paralelo que as crianças interagiam entre si falando acerca do que iria acontecer na cena seguinte da narrativa. Nesse sentido, foi identificada pela pesquisadora observadora a ocorrência do processo de socialização entre as crianças que os contos proporcionam. Neste sentido deparamo-nos com uma das premissas defendidas pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) que aponta que a construção da identidade e da autonomia está intrinsecamente pautada pelos processos de socialização que a nosso ver, a partir do presente estudo, são favorecidos pela contação de histórias.

“As vivências sociais, as histórias, os modos de vida, os lugares e o mundo natural são para as crianças parte de um todo integrado” (BRASIL, 1998, p. 163). Assim compreendemos que, através dessas interações proporcionadas pela atividade de contação, alargamos as ligações afetivas, no que tange à suas relações com seus pares e com os adultos, enriquecendo o processo de alteridade em si própria.

O que nos chamou bastante atenção durante a contação foi o uso de explicações imaginárias, especialmente nos momentos de pausas e questionamentos sobre o que iria acontecer, sobretudo por associarem, as crianças, os novos acontecimentos narrados pela história com seu próprio entorno ou com situações que envolviam o seu próprio universo. A título de exemplo, no momento de recontação da história pelas próprias crianças o lobo-mau foi substituído por um “Cupim-mau” porque ele devasta a casa muito mais do que o lobo.

Neste ponto pudemos observar a mistura do lúdico e do imaginário com aspectos da realidade. Coelho (2000) aponta que a literatura infantil e a arte são indissociáveis, desse modo literatura também significa o prodígio da criatividade que representa a natureza, a criatura humana, a sua própria existência. Neste caso, por meio da verbalização, fundindo o ideal (Imaginação) com a idealização (realidade).

Compreendemos que o contador, através da contação, tem como comprometimento despertar a imaginação de seus ouvintes, embarcando-os no navio da fantasia que cruza o mar da realidade. Compreendo assim, que a criança adora escutar contos, sobretudo porque ela constitui em si própria, muitas ideias, além de desvendar uma imensidão de outros mundos tendo a sua curiosidade atendida por meio de um repertório de palavras que poderá ressignificar caminhos eventualmente desviados no enfrentamento das dificuldades encontradas.

Nesse sentido, constatamos que as atividades relacionadas à contação, mesmo sendo apenas uma leitura dramatizada, trouxeram como contribuição para estes pequenos: o abraço apertado com um texto literário, uma forma diferente de notar a arte, vivenciado por meio do calor de suas emoções, de sua curiosidade, alargando o conhecimento de novas culturas, ampliando assim sua visão de mundo. De acordo com Medeiros,

pelo encanto que produzem e pela importante função afetiva que têm para as crianças, os contos de fadas devem ser utilizados pelo docente, não apenas em momentos esporádicos e descomprometidos de leitura, mas ser incorporados na rotina escolar como um momento sobre o qual os alunos possam pensar e agir, das mais diferentes formas – em atividades plásticas, simbólicas, cênicas, de leitura e escrita, e tantas outras quanto a realidade de cada sala de aula. Pela imensa riqueza e poder de suas palavras, os contos de fadas merecem um espaço a eles reservado em qualquer projeto, ação ou intervenção pedagógica que o professor pretenda realizar com seus pequenos (MEDEIROS, BRASIL, 2013, p. 9-10).

Constatamos, portanto que as narrativas dos contos infantis nos ensinam como lidar com dificuldades e desvendar outras possibilidades. A criança, enquanto ser social inserida em uma coletividade, tem potencializada sua capacidade de acolher a diversidade na contação de histórias. O que as crianças identificam, de fato, com a contação de histórias, fábulas, contos, lendas e demais gêneros literários infantis, são dimensões apreciativas do jeito de ser e de estar no mundo, fontes inesgotáveis de inspiração e de legitimação de si mesmas e dos outros.

Nos demais dias de nossa observação pudemos notar que o planejamento não foi organizado como instrumento pedagógico efetivo. De acordo com Souza (2019), o planejamento é considerado uma ferramenta que contribui para a prática pedagógica docente garantindo uma organização metodológica de habilidades e competências a serem contempladas em sala de aula. Assumimos, a partir desta reflexão, que o planejamento é necessário para atividades que estejam pautadas na ampliação das possibilidades de nossas crianças visando um processo de ensino e de aprendizagem exitoso para todos. Por outro lado, planejar é um ato complexo do trabalho docente que exige estudo, pesquisa e conhecimento específico.

Em outra oportunidade a professora realizou a acolhida dos alunos com cantigas de roda infantis com duração aproximada de 15 minutos. Entre uma música e outra fez intervenções, ora sobre a música associando o significado ao cenário do dia, ora explorando o repertório. Na sequência a professora explicou como estava o

tempo naquele dia. Com auxílio do quadro desenhou distintas possibilidades de clima: sol brilhante - ensolarado; sol com nuvens - tempo encoberto, nublado; nuvens com pingos de chuva - chuvoso. Questionou as crianças a respeito da mudança do tempo e exemplificou mostrando pela janela o tempo lá fora.

Essa experiência nos remeteu a Mello (s/d) apud Jesus; Germano (2013) afirmando que para definir os objetivos no planejamento e na organização de sua rotina, o professor demanda tanto de embasamento teórico quanto científico uma vez que partindo unicamente das experiências próprias terá um repertório limitado de possibilidades para criar e planejar atividades diferenciadas visando uma aprendizagem significativa.

Na sequência a professora aplicou uma atividade escrita com a letra “E”. Primeiramente, explicou expondo que com a letra, “E” podiam começar nomes de pessoas, animais e objetos: Eduardo, assim alguns alunos responderam que elefante, escada, estrela também começava com a letra “E”. Em seguida entregou uma tarefa de cobrir e circular a letra “E” presente em palavras relacionadas na atividade. Esta atividade durou aproximadamente 40 minutos. Algumas crianças tiveram maior dificuldade em identificar e cobrir a letra indicada.

Importante se faz que o professor possua uma concepção que norteie a sua ação pedagógica que o mobiliza atribuindo sentido à sua prática na Educação Infantil. A bagagem teórica do docente possibilita a compreensão do desenvolvimento infantil, em seu aspecto mais amplo e favorece seu entendimento da educação como um processo de constituição da criança no período da infância.

Bassedas; Huguet; Solé (1999) citam que o planejar docente constitui um momento importante do trabalho de um(a) professor(a), uma vez que a tomada de decisões compõe o seu plano de ação. O planejamento viabiliza uma sequência de atividades que se pretenda aplicar, estabelecendo uma caracterização detalhada de suas ideias, possibilidades e variações que possivelmente irão se concretizar diretamente em suas aulas.

No caso da educação infantil e da pratica pedagógica da contação de histórias, com maior razão o domínio teórico e técnico bem como a aplicação de recursos do planejamento tornam-se elementos indispensáveis para o sucesso das atividades com as nossas crianças; o que se tem visto em muitas escolas especialmente aquelas dedicadas à Educação Infantil, no entanto são práticas de

improviso, atividades pouco vinculadas ao desenvolvimento cognitivo de nossas crianças em consonância com suas potencialidades próprias.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal do presente estudo foi compreender a importância dos textos imagéticos e a contação de histórias na Educação Infantil para a formação de futuros leitores. Neste sentido foram realizadas pesquisa qualitativa, bibliográfica e de observação de campo de forma complementar, sem o propósito de esgotar o assunto, assumindo como espaço de observação uma escola de Educação Infantil localizada na cidade de Miranorte-TO.

O estudo dessa temática teve sua origem na articulação de várias atividades formativas que se destacaram em nosso interesse particular das quais participamos durante as etapas de formação no Curso de Pedagogia. As leituras, reflexões e observações realizadas nestes diferentes momentos de nossa formação nos ajudaram a construir os questionamentos básicos que direcionaram essa pesquisa: “Como a forma de contar histórias afeta a formação de futuros leitores?” “Qual a importância da leitura de textos imagéticos na Educação Infantil?”.

Assumimos como premissa que as instituições de ensino ocupam papel fundamental para contribuir e estimular a contação de histórias na Educação Infantil, e que levando em consideração a forma como as histórias são repassadas, pode-se entender que o gosto pela leitura poderá surgir de diferentes maneiras. Quanto mais significativas as experiências de ler – e ouvir – histórias na infância, tanto maior a probabilidade de nossas crianças virem a ser leitores ativos no futuro.

Organizamos a apresentação do resultado de nossas leituras e reflexões em três partes. Na primeira fizemos um breve histórico sobre a Educação Infantil como etapa importante da educação básica, além de apresentar uma visão histórica sobre a contação de história, concebida como uma das atividades mais antigas de que se tem notícia. Contar histórias e declamar versos constituem práticas da cultura humana que antecedem o desenvolvimento da escrita. Dentre outros, autores como Brito e Farias (2016), Oliveira (2005), Souza e Bernardino (2011), contribuíram para o nosso debate.

Na segunda parte tratamos especificamente sobre a contação de história como prática educativa na Educação Infantil tratando da relevância do professor/contador de histórias bem como da importância de um profissional preparado para utilizar técnicas apropriadas para o trabalho com as crianças. Autores como Souza e Bernardino (2011), Abramovich (1995), Cardoso e Faria

(2017), Busatto (2003), Teberosky e Teresa Colomer (2003) fundamentaram esta discussão.

Na terceira parte do estudo apresentamos nossa pesquisa de campo, realizada no período de 22 de maio a 12 de junho de 2019, na Escola Municipal de Tempo Integral na cidade de Miranorte – TO.

Observamos que de modo geral no ambiente escolar contam-se histórias para as crianças da etapa da Educação Infantil. Sendo esta uma etapa muito importante para o desenvolvimento de nossas crianças é momento adequado para a formação de hábitos articulados com o gosto pela leitura.

A contação de histórias voltada para o público infantil é instigante, pois o leitor experiente (docente) e o ouvinte (criança) se transportam para um mundo imaginário de sonhos e encantos, dando espaço também para a criatividade, a espontaneidade, a interação e outras tantas possibilidades. Neste processo importa não subestimar a imaginação das crianças, limitando-se a textos de uma única categoria, seja apresentando somente textos/histórias clássicas de preferência com os finais felizes; seja por outro lado contando somente histórias extraídas da imaginação do docente e possivelmente dos tempos atuais.

Nossa observação na escola estudada confirma que a professora utilizou de uma contação simples onde a história a ser contada foi escolhida pelas próprias crianças. Sabemos, portanto que podemos contar quaisquer histórias às crianças, desde que respeitemos seus limites de linguagem, seu estágio de desenvolvimento cognitivo-intelectual, entre outros fatores.

Chamou nossa atenção durante a contação de histórias o uso de explicações imaginárias, especialmente nos momentos de pausas e questionamentos sobre o que iria acontecer, sobretudo por associar novos acontecimentos da história ao próprio entornam, com situações que envolviam o universo vivenciado pelos participantes, o que possibilitou um rico processo de socialização entre as crianças e com a professora.

Neste ponto pudemos observar a mistura do lúdico e do imaginário com aspectos da realidade. Coelho (2000) aponta que a literatura infantil e a arte são indissociáveis, desse modo literatura também significa o prodígio da criatividade que representa a natureza, a criatura humana, a sua própria existência. Neste caso, por meio da verbalização, fundindo o ideal (Imaginação) com a idealização (realidade).

Nossas observações na escola, bem como as leituras durante o curso e para esta pesquisa, indicam que é muito importante que o professor tenha clareza de suas concepções acerca da criança, da contação de história, do planejamento de seu trabalho, pois estas são questões que norteiam o trabalho pedagógico e ajudam um melhor entendimento acerca do desenvolvimento infantil das crianças.

No caso da Educação Infantil e da prática pedagógica da contação de histórias, com maior razão o domínio teórico e técnico e o uso de instrumentos adequados torna-se elemento muito importante para o sucesso das atividades com as crianças.

## REFERENCIAL

ABRAMOVICH, Fany. Literatura Infantil: Gostosuras e bobices. 4ª ed., São Paulo: Scipione, 1997.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei n. 9.394/96. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/diretrizes.pdf> >. Acesso em: 20 abr. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil. Volume 01, Brasília, 1998.

BRISOLA, Jéssica Laura; KAULFUSS, Marco Aurélio. **Educação infantil**: breve relato histórico da evolução no Brasil. 2017. Disponível em: [http://fait.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/lfRq9cHdDNInF3L\\_2017-1-21-11-8-2.pdf](http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/lfRq9cHdDNInF3L_2017-1-21-11-8-2.pdf). Acesso em: 04 abri. 2020.

BRITO, Ana Carolina Vieira de; FARIAS, Jessica Oliveira. O uso de imagens na educação infantil como instrumento de letramento: uma análise por meio dos conceitos da semiótica . **Cadernos da Educação Básica**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 77-85, out./2016. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/cadernos/article/download/796/656..> Acesso em: 25 mar. 2020.

CAMPOS, M.M; FÜLLGRAF, J; WIGGER, V. A qualidade da Educação Infantil brasileira: alguns resultados de pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n.127. P. 87-128, 2006.

COELHO, Betty. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1999.

FARIA, Inglide Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. A influência da contação de histórias na Educação Infantil. *Mediação*, Pires do Rio - GO, v. 12, n. 1, p. 30-48, jan.- dez. 2017. ISSN 1980-556X (versão impressa) / ISSN 2447-6978 (versão on-line)

FERRONATTO, S.R.B. *Psicomotricidade e Formação de Professores: uma proposta de atuação*. Dissertação (Mestre em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2006.



OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SOUZA, L. O.; BERNARDINO, A. D. A Contação de Histórias como Estratégia Pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. *EducereetEducare*, v. 6, n. 12, p. 235-249, jul./dez. 2011. ISSN 1809-5208.